

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

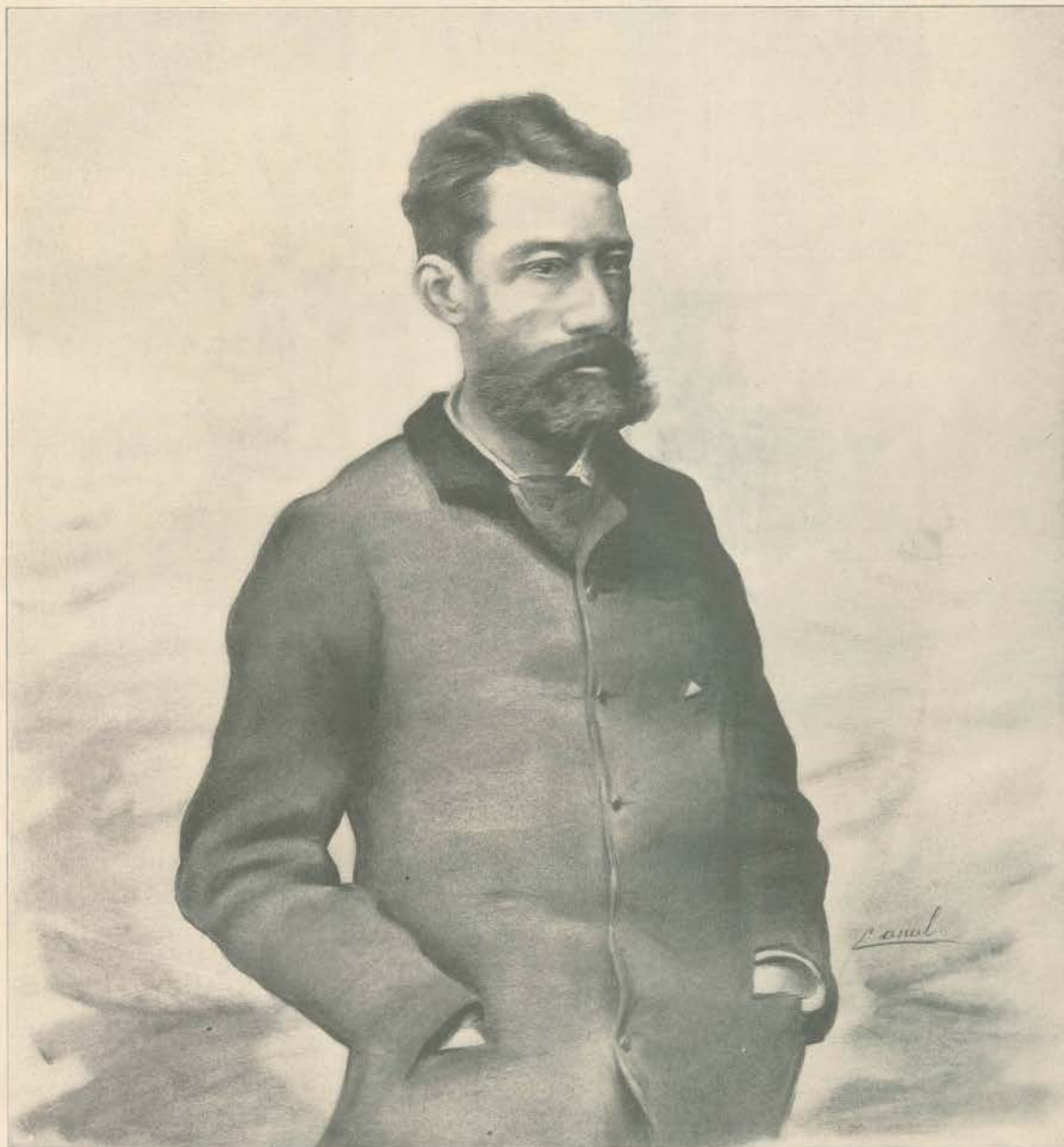
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photographura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 18 DE JULHO DE 1904

NUMERO 37



FRANCISCO MARTINS DE GOUVEIA MORAES SARMENTO

O illustre archeologo, cujo cadaver acaba de ser trasladado para um magnifico tumulo do cemiterio de Belisarios perto da Citania, a historica cidade que elle descobriu apes excavações trabalhosas, nasceu em Guimarães a 9 de março de 1823. Foi um erudito e um sábio que criou um nome illustre entre os archeologos de todo o mundo. Dedicou a sua vida a estes trabalhos, sendo adorado pelo povo de Guimarães que o via passar para a aldeia com o seu lenço branco ao pescoço, meditando e grave na cogitação da sua obra, que é immensa e que levou a cabo á custa de esforços sem conta.

Quando Camillo Castello Branco andou fugido por occasião do caso Anna Placido recolheu-se alguns dias em casa de Martins Sarmiento e dedicou-lhe o prelo do seu livro *So Bem Jesus do*

Monte, lugar para o grande romancista bem cheio de recordações, pois fora ali que elle, apes um anno de locutura, foi encontrar essa tão amada Anna Placido.

Martins Sarmiento, respeitado pelos sabios, querido pelos litteratos, deixou uma reputação de erudito que poucos egualam e apes tantos annos de trabalhos e luctas, brilhantes, na imprensa em livros, foi condecorado com o habito de S. Thome, que elle não aceitou, dizendo aos amigos que lhe perguntavam o motivo da recusa, que tal condecoração já não cabia no coife dos seus diplomas. Falleceu em 3 d'agosto de 1903 e foi repousar no seu jazigo, que é uma obra d'arte no cemiterio de Belisarios, quasi á sombra da sua querida Citania tão laboriosamente arrancada da acção dos seculos e tão eruditamente reconstruida para gaudio dos estudiosos.

CHRONICA

Os calores

O tempo vai de calores e de grandes mollezas, de preguiças sem fim que chegam como n'uma epidemia; e d'aí a fuga, a abalada para os campos com as malas e com a petizada, com a gaiola dos passaros e com as sogras, n'uma ansia de sangue novo que se espera da docura, do ar e da agua pura, do vinho sem mixtelas e das somnecas após o jantar em cadeiras de verga, á porta das casas diante das quaes o povo—que tambem veranea uma vez por semana—passa no domingo cantando e escorripichando os restos das borraças.

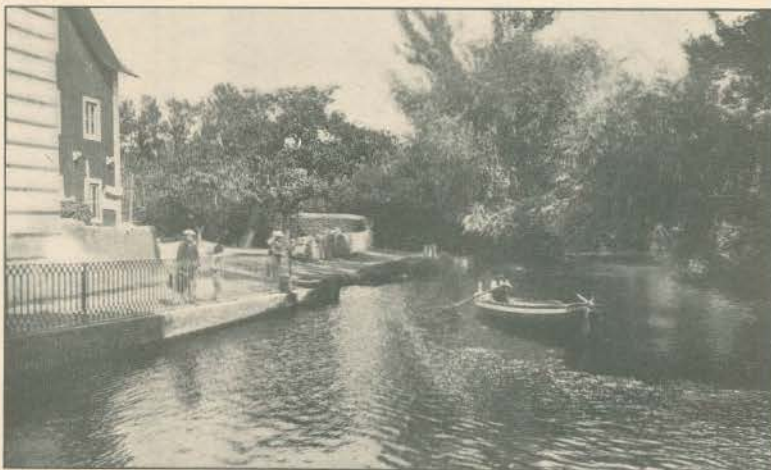
Chegam os calores e as torças, as despezas com os fatos leves e com as mudanças, as sêdes insaciáveis d'amor e de limonadas, as horas de paz para os que se vão e o gasto maior nos livreiros que n'estes mezes vendem muito Onhet e Paulo de Rock.

Foge-se de Lisboa como d'uma cidade que começa a tornar-se hostil, que principia a ter ousadias de vulcão e folegos de brazeiro, que entra a escaldar os habitantes, a escachar as casas, a estalar as vidraças, a derreter muitos corpos de tentação e a desbotar as rosas de muitas faces.

E', pois, diante do assedio d'estes calores que toda a gente emigra, deixa os lares e vai em caravana



ESTAÇÕES DE VERÃO—OS SETRAES EM CINTRA



ESTAÇÕES DE VERÃO—A LAGOA DE COLLARES

viver uns tempos não para o arrabalde, que esse fica a tres leguas da Baixa, mas para os confins da cidade, pegadinho com as portas, gosando as sombras, mas apanhando ainda assim alguns calores: os dos preços e os das caminhadas pelas estradas sem fim e osbarronadas onde passam aos solavancos carroças d'almocreves atulhadas de odres e com as mulas a esguelhar-se.

Ha uma debandada, aferrolham-se as janellas, amadorna-se o commercio, escasseam os acontecimentos e os motivos de chronica, andam mais lentos os electricos, por não terem a quem atropellar, e a cidade fica-se em paz, como morta, a recoser-se á soalheira, fumegante e abandonada como uma terra tornada em lava, sem uma alma que n'ella palpita, tristonha e em braza.

Sahe-se para o campo com o desejo de crear carnes e de aventuras por esses stílios onde a etiqueta desaparece e os luars e a vida de porta de rua fazem amizades e criam relações, onde a ociosidade serve de estufa á fructa mais portugueza que se conhece: o empenho.

E' no verão que elle floresce, desabrocha, cria pevides e amadurece como uma abençoada fructa tropical quasi espontanea. O amanuense muda-se para o pé do sr. conselheiro, que entra a achar graça nos seus ditos e sabor ás suas anedotas, que começa a conhecer-lhe prendas e atavios de linguagem e a voz de barytono e os versos e a sua habilidade para fazer recandos e *kermesses* e *pic-nics*, para preparar fogos de artificio, e sarais, e cavalhadas, e tourinhas, festejos que enchem os jornaes n'este tempo em que elles se fazem para o campo.

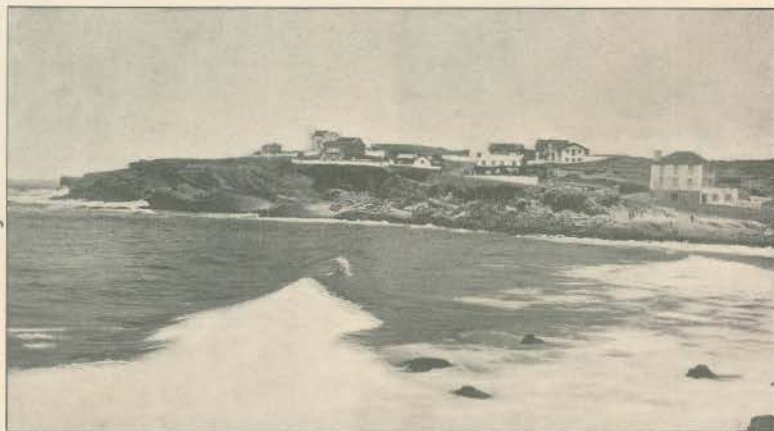
Abandona-se, pois, a cidade; os habitantes fogem-lhe como d'uma fogueira que busca assal-os e só a policia fica, jurando estar quieta, por não ter a quem

desancar, a remoer os figados, a refazer-se para as batalhas do inverno quando os libeotas voltarem mais garridos e mais gordinhos, mais anafados e mais sadios, com melhores côres, sem bilis e sem nervos, para servirem então de repasto ao hyppopotamo policial que dormita á sombra da Parreirinha.

No entanto, lá fóra, pelo campo, pelas estações, pegam-se os veraneadores por da cá aquella palha, pelos lindos olhos das meninas e pela cadelinha que morden Bêbé, pela organização d'uma festa e pelos cotos de cera dos balões; vive-se por lá na barafunda, porque a cidade mudou-se e levou consigo as suas virtudes e os seus vicios ao levar todos os seus moradores.

Diante d'isto achamos de toda a conveniencia que se mande tambem veranear a gente da policia, os Annes e os Amorins, os mantenedores da ordem e da tranquillidade, para garantia da nossa integridade corporal á volta das villegiaturas e para que se acalmem, bebendo a agua limpa e passeando á sombra dos olivedos, fazendo idyllios a coberto d'olhares indiscretos e arrulhando melancholias pelas balsas, diante da agua e diante do ceu puro, em face da verdura, que—segundo os lyricos—ameiga os temperamentos. E assim, de panamá e guarda pó, socegando, aplacando-se, voltarão calmos como os habitantes da cidade quando o inverno vier com as suas carrancas por um termo a estes calores que affligem e nos fazem soeiras e impigens e até nos obrigam a mudar de opiniões, a sermos gratos ao governo que perante estas torrentes de lava e as suas necessidades nos vai deixando... muito á fresca!

ROCHA MARTINS.



ESTAÇÕES DE VERÃO—A PRAIA DAS MACÃS



AS COLONIAS PORTUGUEZAS—LOURRENÇO MARQUES

A REPARTIÇÃO DE FAZENDA EM CONSTRUÇÃO—O MERCADO DE LOURENÇO MARQUES—A BANDA MILITAR—O VAPOR «PRÍNCIPE» DA EMPRESA NACIONAL EM CONCERTO NA PRAIA DE CATEMBE—O VAPOR «PRÍNCIPE» A NADO EM CATEMBE—O VAPOR «ZAIRE» VISTO DE POÇA ATRACADO AO CAIS

É esta talvez a mais próspera cidade das colónias portuguesas, tanto pela sua especial situação geographica como pelo desenvolvimento que tem tomado. O mundo inteiro sabe que a bahia de Lourenço Marques é um dos mais bellos portos de abrigo de toda a Africa e que se futuro virá a ser o centro de todo o commercio d'essas regiões ricas. Lourenço Marques vai a tomar um grande incremento, possui bellissimas edificações modernas, feitas segundo as grandes regras da arte a embellezaram essa cidade onde se reúnem mil commodidades. Tem carros electricos, é illuminada tambem a luz electrica, tem ruas amplas, ladeiras de altos predios e de estabelecimentos de primeira ordem, é, enfim, um centro feito à sua própria custa o que tem luctado com milhares de difficuldades para apresentar semelhanças construccões, atendendo as grandes despesas que é necessario fazer para conduzir para alli os materiais. E' terra portugueza desde 1546 em que D.

Jão de Castro troncou a noticia da descoberta da bahia a si-rei D. João III e por mais d'uma vez os estrangeiros tentaram conquistar-nos a posse d'essa terra. Em 1777 o commandante da nau austriaca *Joseph e Theresia* desembarcou no porto uma bateria e fundou ali um estabelecimento, mas em 1784 o commandante da fragata portugueza *Santa Anna*, Nicolau da Cunha, e Joaquim Mira, tenente coronel da legião de voluntarios reaes, fizeram um ataque a fortaleza e expulsaram os invasores.

Em 1833 os valtas, nossos tributarios, buscarem atacar a fortaleza e foram repellidos como em 1841 e 1843, começando entao as sedições constantes que se acabaram em 1854. Mas logo em 1864 tivemos que sustentar uma guerra contra os tribos Mollia e Manava, que por causa da successão ao throno de seu rei, Manicissal, disputavam as terras aquém do rio Unemati.



A FESTAS DA RAINHA SANTA EM COIMBRA—A PROCISSÃO NA RUA DO CORVO

São festas feitas com uma pompa enorme e que chamam a Coimbra grande quantidade de forasteiros. Por este tempo a bella cidade do Mondego veste de galas, a vegetação é linda, e com azeit, a moridade conta e ri desafegada, em parte livre do pesadelo dos exames. E a Santa, a bella rainha, obra de Teixeira Lopes, vem no seu andar de Santa Clara para Santa Cruz entre os festeiros e entre os académicos, protocoladamente e gloriosamente à luz do sol a ser coberta de flores, flores como as que ella transformava em pão, e que as senhoras—aquellas lindas filhas de Coimbra—morenas d'olhos negros—lançam sobre a imagem com as suas preces.

Depois ha os raschos que percorrem as ruas cantando trechos de poesias que vem da alma sincera e vibrante do povo d'essa terra por onde passaram os maiores poetas de Portugal. Ha as illuminações, os bailes, os festejos, as ruas engalanadas, as janellas com colchas, as bandeiras, os arcos triumphaes, as musicas e os fogos d'artificio, tudo em louvor d'essa Senhora tão linda quan-

to bondosa, que, sendo rainha, se achegou ao povo a fazer-lhe bem, a dar-lhe pedacinhos da sua alma toda de ternura com o seu obolo e com a luz diamantina do seu olhar que fazia justos.

E' toda uma legenda historica a ser evocada e a encontrar ainda um grande seco no coração dos pobres que hoje, como se tempo de D. Dinis, se prostram em adoração ante o altar da Santa Rainha. Da sua legenda ressaem actos que bem mostram como aquella alma pairava perto do céu: Certo leproso escurado pela multidão tocou a rainha D. Isabel d'Aragão no seu cunhal e ella com a candura nos olhos e com a piedade na alma fez um gesto e deteve a turba; arrancou dos hombros o seu manto e cobriu com elle o desgraçado, que foi conduzido á alcaçova onde a Santa Rainha se dedicou a curá-lo.

E é por actos assim que a tradição ficou e que a crença se enraizou nos corações através dos seculos.



UM EXERCÍCIO DE BOMBEIROS NO QUARTEL DA GRÇA EM 13 DE JULHO

SÁBADA DO MATERIAL—CHEGADA DO MATERIAL EM LOCAL DO EXERCÍCIO—SIMULAÇÃO DE FOGO NO 2.º ANDAR—ABERTURA E TRABALHO NO 2.º ANDAR, SALVANDO-SE A MAIORIA DA SALVAÇÃO D'UM 4.º ANDAR E SALVANDO-SE O CASO MAIOR D'UM 2.º ANDAR—ABERTAMENTO DE QUATRO LANCOS DE ESCADAS ITALIANAS—SIMULAÇÃO DO INCENDIO EM UM DE OS CHÃO, SALVANDO PELA ESCADA MAIOR, LANÇO DA ESCADA E REPTA—FIM DA DE 3 HOMENS PARA O 2.º ANDAR POR UM LANÇO DE ESCADAS—FIM DA ESCADA DE MANCHO.

A's 8 horas da manhã começou o exercício. O pessoal appareceu bem disposto, prompto para as manobras difficil e arriscadas, as quaes foram feitas com extraordinaria presteza. Por vezes quasi desapareciam á nossa vista, galgando as escadas n'aquelle simulacro de salvação que elles realisavam d'uma maneira bem expedita.

O instructor de bombeiros sr. tenente Craveiro Lopes dava as suas ordens, que eram executadas de seguida e com bem mathematica preclara. Os bombeiros portuguezes não ficam atrás dos d'outras nações e bem o tem demonstrado nos differentes concursos realisados no estrangeiro, e n'um tempo em

que ainda não havia a organização, na realidade bem mais superior, que o elemento militar tem dado á corporação. Em França os bombeiros são militares e tem dos regimentos, sendo escolhidos entre as praças de mais exemplar comportamento, para que alliem á bravura a disciplina e a ordem tão necessarias n'este genero de trabalhos.

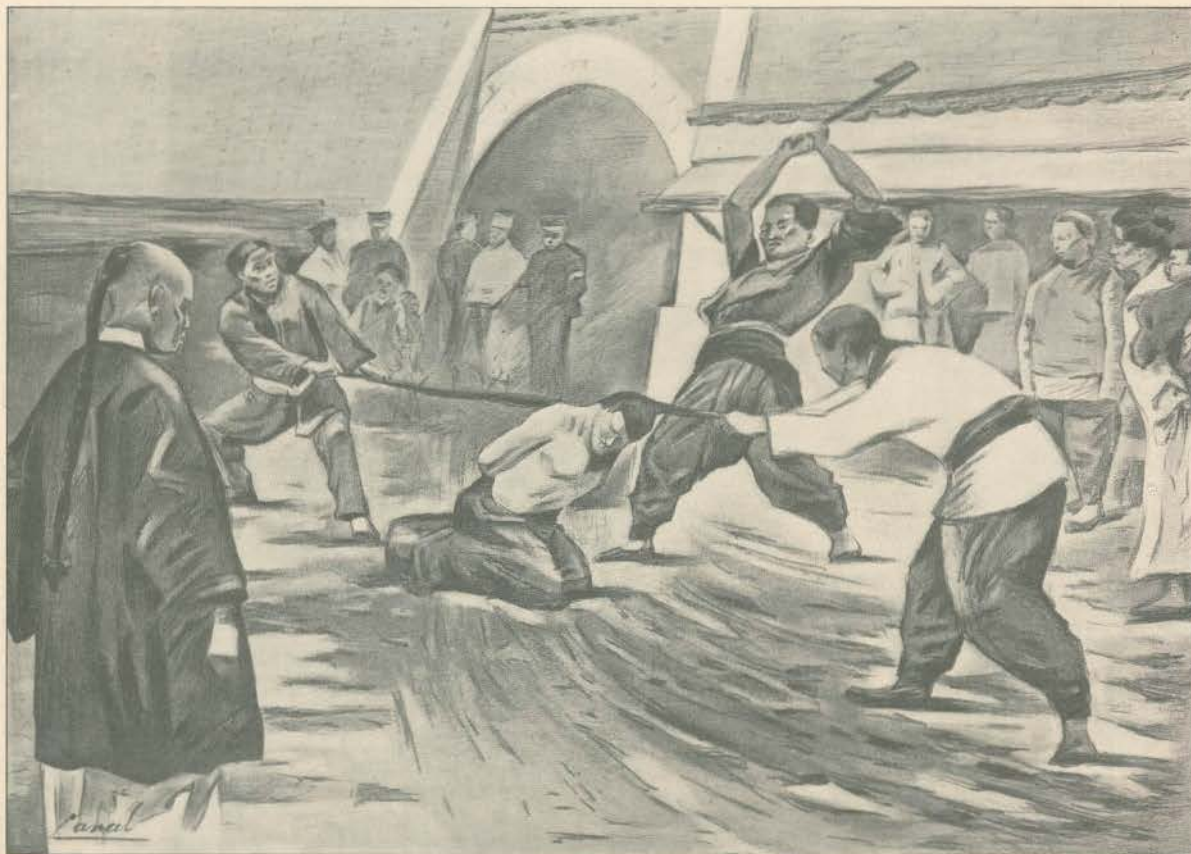


O NOVO SANATORIO DA PAREDE

(Phot. Arnaldo da Fonseca)

Está sob a invocação da Senhora Sant'Anna e deve inaugurar-se uma das suas partes no próximo domingo d'este mez. Destinou-se a crianças e foi fundado pela ex.^{ma} sr.^a D. Claudina Chamico. O local é magnifico, destructo-se d'ali um magnifico panorama e essa instituição representa uma altissima obra de caridade prestada aos pobres que soffrem. As crianças ali encontrarão: ao-

limento, bom ar e tratamento; ao sahirem d'ali vão abençoar a alma generosa que assim se lhes dedica, já dando as quantias necessarias para a fundação do estabelecimento, já procurando por todos os meios attenuar as misérias e as dores dos pequenitos.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA:—DECAPITAÇÃO D'UM ESPÃO CHINEZ

As autoridades chinezas tem mostrado d'uma maneira assaz osada quanto sympathizam com o seu vencedor de ha alguns annos, o Japão. N'uma neutralidade dubia, a China vai fazendo o que pede pelos japonezes e a prova é que o governo tem mandado executar todos os espões encontrados serviço ao das forças russas. Ainda ha tempos foram agarrados uns seis que, condu-

zidos á povoação proxima e entregues ao carrasco, soffreram a decapitação na praça publica para exemplo de futuros serventurinos da causa russa. E d'esta forma a China mostra como se vai ligando dia a dia ao Japão, esquecendo antigos odios e buscando agradar a essa potencia que é a dominante da raça amarella.



NUNO ÁLVARES

O bello quadro de Luciano Freire destinado ao Museu d'Artilharia representa o heroe condestavel ainda moço, arrojado em sua gloriosa montaria e tendo no olhar uma expressão de bravura que o define com a nota perturbadora d'um mysticismo ardente. O cavalleiro d'outras edades, alma de fogo n'um corpo moço, coração a lutar por todas as idéas generosas, temto em si o sonho dos grandes batalhadores da San Greal, Nuno Alvares apparece n'esse quadro com todo o canho de verdade, n'um grande realce a como preso na vida dos seus feitos que deviam dar o throno a um rei e a independencia á terra portugueza com o formidavel encontro d'Aljubarrota.

O artista soube encontrar no conjunto a nota brava e mystica que realça, o colorido que se impõe, a composição que nos satisfaz. O quadro é destinado á sala D. João VI do Museu d'Artilharia onde serão feitas decorações pelo autor do Nuno Alvares e pelo seu discipulo sr. Sousa Lopes.



A RAINHA SANTA

A Santa tão venerada em Coimbra era filha de Pedro III o Grande, rei d'Aragão, e de D. Constança, sua mulher, que foram os primeiros monarchas coroados em Saragoça, cerimonia que se realizou em 11 de novembro de 1276. D. Pedro, ao ser coroado pelo arcebispo de Tarragona, declarou não receber essa coroa em nome da igreja, nem por ella, nem contra ella, o que é digno de nota n'esses tempos de dominação dos papas. Mais tarde per bulla de Martinho IV dada em Toledo foi declarado traidor e desleal. Origin na coroa de Aragão, Catalunha, Valencia e Sicília e Dante citou-o no seu poema immortal *O Inferno*. De tal pae nasceu a rainha D. Isabel que, casando com el-rei D. Diniz de Portugal, em 1282, logo começou a ser adorada e a ter fama de santa, o que foi confirmado pela Igreja que repudiara seu pae e a abraçava a ella como se viesse pela vontade de Deus redimir Pedro o Grande, o independente monarcha d'Aragão. A Santa rainha falleceu em Estremoz a 4 de julho de 1358, depois de ter passado uma vida toda dedicada ao bem e á caridade.



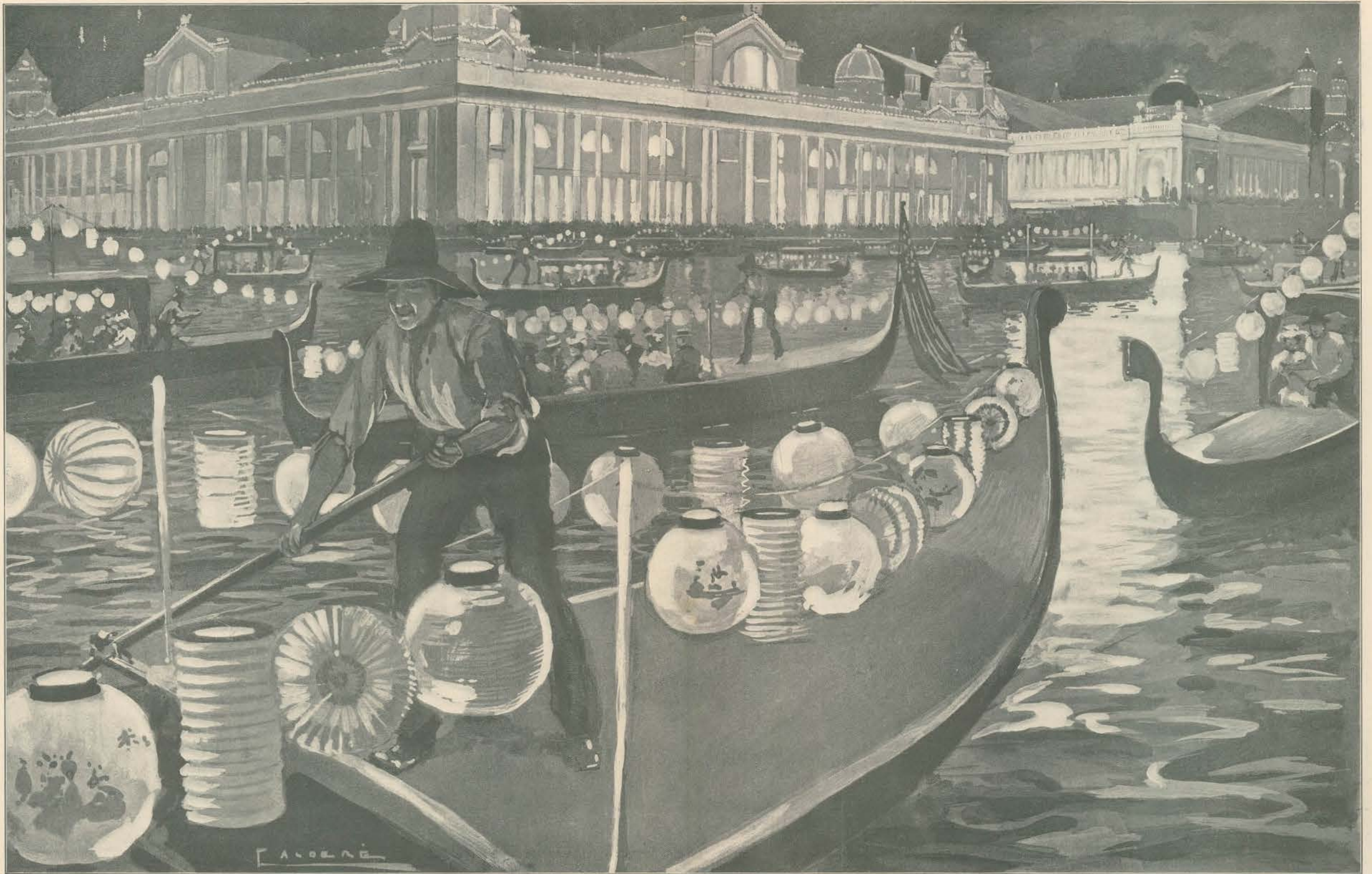
O GENERAL JAPONEX OKU

E' um heroe japonex e um verdadeiro cabo de guerra. Tem vencido uma serie de batalhas travadas nos ultimos tempos e tem dirigido as operações no sentido de tomar Porto Arthur no que tem sido auxiliado por um outro general de valor, Karaki, seu companheiro e seu amigo.



O ALMIRANTE RUSSO BEZOBRAZOF

Commanda a divisão dos cruzadores em Vladivostok e o seu nome começa a ressoar na Europa pela situação espelral em que se encontra. Feita junta a esquadra de Vladivostok com a de Porto Arthur, o que, a realisar-se, será um golpe de mestre que dará um novo aspecto á guerra do Extremo Oriente.



A EXPOSIÇÃO DE S. LUIZ — UMA FESTA NOCTURNA

A America é a terra das surpresas, das coisas maravilhosas e immensas, um povo de praticos que parece realizar uma obra do sonho como esse vindo da imaginação dos orientes e tão bem definido nas Mil e uma noites. A Louisiana, que ainda no seculo passado se compunha de terrenos incultos, de grandes planicies desertas, transformou-se após a sua venda em 1803 por Na-

poleão aos americanos e tem-se tornado uma das grandes provincias da America do Norte. Quizem agora pelo seu centenario fazer ali a grande feira do mundo e a golpes de milhões, com uma extraordinaria perseverança e rapidez, os campos transformaram-se na cidade portuense que hoje lá existe e onde o mundo foi admirar a grandessa na sua mais ampla forma. Os palacios brotaram

de solo nas margens d'esse lago, onde, pelas noites, gondolas illuminadas passeiam com passageiros reconstituindo trechos da velha Veneza legendaria e opulenta. E os focos electricos substituem o luar com uma intensidade estranha, banham d'ouro as aguas calmas, enquanto as musicas ecoam e as fontes luminosas jorram cascadas de claridades e formam um dia perpetuo.

A coisa alguma se pouparam o governo americano e a municipalidade, tanqueiros emprestaram dinheiro, removeram-se milhares, fizeram-se prodigios e hoje o universo, chelo de espanto, tem os olhos á obra portentosa dos americanos que caminham já á frente da civilização, illuminada pelo facho da colossal estatueta da Liberdade, ha pouco inaugurada com enorme solemnidade.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA:—A BATALHA DE COTTA

Mais uma batalha que se fez terrível no Extremo Oriente; mais uma prova da superioridade dos japoneses. Teudo encunhado os russos na planície, a cavalaria japonesa, n'uma carga formidável, lançando-se com estranho ímpeto sobre o inimigo, conseguiu derrotá-lo fazendo grandes estragos. Falava-se muito dos cosacos, esperava-se que ao entrarem em combate fizessem valer as suas sublimas qualidades, recusassem toda a tradição dos seus feitos, porém vê-se agora que a cavalaria japonesa se pode medir sem receio com esses portentosos cavaleiros cuja fama é

universal. Uma divisão russa na retirada encontrou alguns soldados japoneses enviados que se defenderam até ao último extremo. Um d'elles cahiu mortalmente ferido, mas como ainda respirasse foi conduzido a ambulância. Fizeram-lhe os curativos e enviaram-no ao depósito de prisioneiros onde o general Kutopahire o interrogou ao vê-lo desolado e estupefacto sobre a marca de ambulância e uma terrível perturbação:

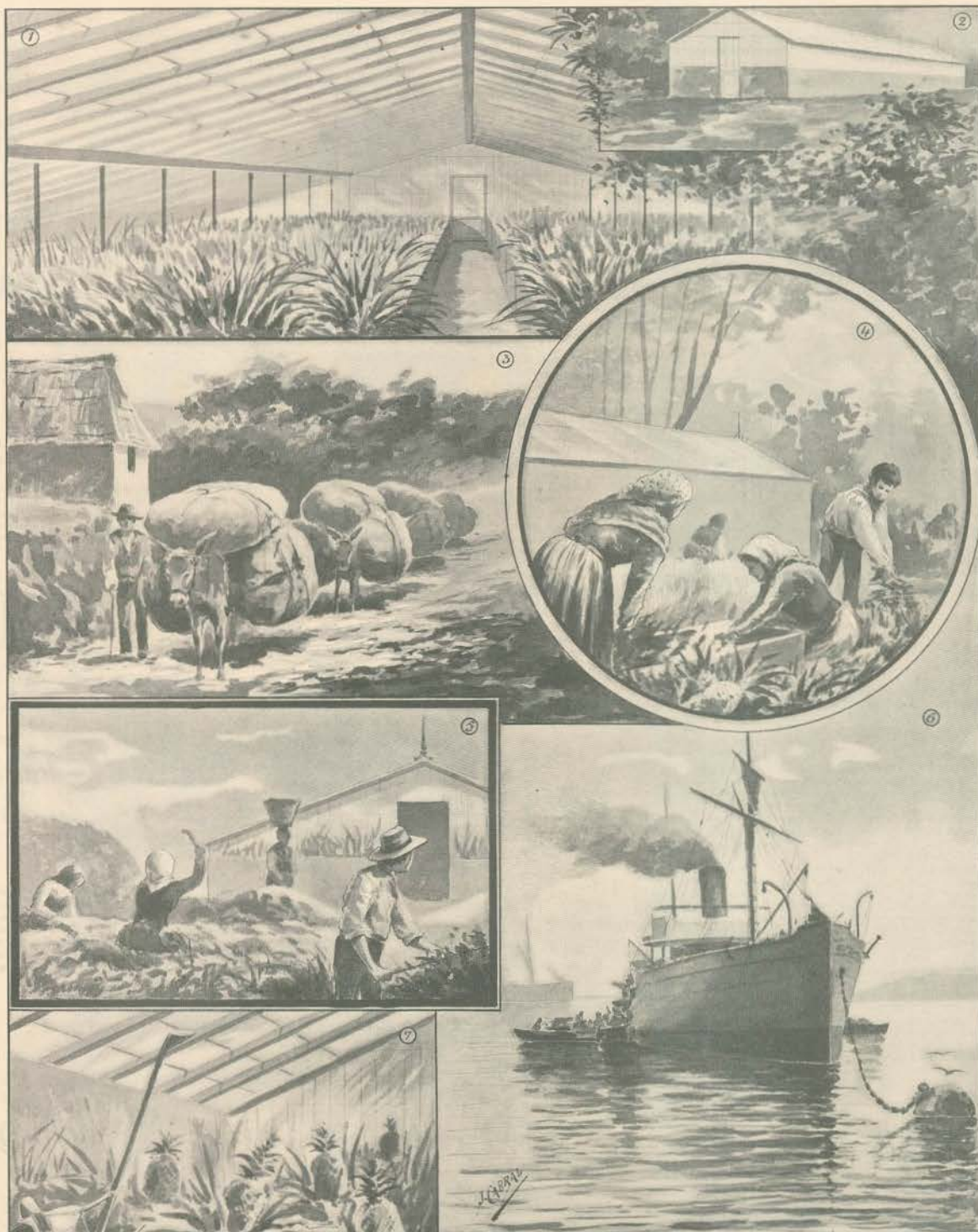
— Que tens?

O rapaz, que tinha 16 annos, voltou-se para o general e tornou:

— Foi apalhado no caspo sem sentidos. Lamento não ter morrido... — Porquê?

— Para não soffrer esta vergonha! — redarguiu o velho. — Queres alguma coisa? — Papel e penca para escrever aos meus a pedir-lhes perdão de não ter morrido...

Com um povo d'esta natureza, difficil se torna a victoria dos russos, porque em cada soldado mesmo nos mais novos se encontra um heroe como este prisioneiro da batalha de Cotta.



A CULTURA DO ANANAZ NA ILHA DE S. MIGUEL.

1, INTERIOR D'UMA ESTUFA—2, EXTERIOR—3, CONDUÇÃO DE «LEIVA» OU TERRA DO MATTO PARA AS ESTUFAS—4, ESCALDAMENTO DE ANANAZES—5, PREPARANDO A TERRA DO MATTO—6, UM CANTO D'ESTUFA—7, UM VAPOR CARREGADO DE ANANAZES

A cultura de ananaz é um verdadeiro trabalho de cuidados e quasi de carinhos. A fructa é odorifera e bella, d'um sabor delicioso; representa grandes quantias a sua colheita e d'aqui os exageros de tratamento a que os agricultores se dedicam. As estufas onde elles são criados são construidas de madeira, alvenaria, ferro, e vidro, havendo algumas verdadeiramente luxuosas e que comportam até 600 plantas. A terra para a cultura é espessa e composta de feto, silvas, rama de urze, hervas, etc., e tem o nome generico de *leiva*. Vem conduzida do matto por jumentos até as

estufas em grandes pannos e é picada sobre grandes pranchas, sendo de seguida deixada no local para se fazer a plantação.

Em cada anno fazem-se duas culturas, sendo em cada uma d'ellas renovada a terra e sendo a que já serviu empregada no cultivo de hortas e jardins. Grandes vapores vem buscar os odoriferos fructos, que são exportados para a Inglaterra, França e Russia, sendo pagos por preços muitas vezes fabulosos. A cultura do ananaz é um dos principaes ramos de commercio da ilha de S. Miguel.

A MYTHOLOGIA JAPONESA

Os deuses mythologicos do Japão tem grandes semelhança com os deuses olympicos venerados outr'ora na velha Europa e que ficaram como symbolos das diferentes acções humanas representados com os attributos das suas funcções e com a tradição d'uma vida toda de encantos e de bondades, á sombra dos bosques sacros e vetustos, junto ao mar azul e sem uma prega d'essa Hellenia, patria de heroes e de semi-deuses.

O Japão com o culto de Budha adoptou alguns idolos intermediarios, que são os equivalentes dos deuses



O PATRONO DA EQUITACÃO

do paganismo e patrocinam as artes e as industrias, a guerra e o commercio, a belleza e a bondade.

A suprema divindade do Japão é Amida, que tem nove incarnações, as quaes representam outros tantos estados de graça e de perfeição.

No entanto algumas das divindades da sua mythologia eram já populares no Japão antes do budhismo, nasceram por essa necessidade que existe no coração dos rudes em subjectivarem os phenomenos e as acções, ás vezes as mais simples, á potente vontade d'um Ser superior cuja imagem nasce nas imaginações e toma depois vulto, ao ser reproduzida para a adoração nos altares.

E assim que mesmo nos povos mais rudes e mais selvagens, como os do interior d'Africa, os idolos apparecem e são venerados e se lhes fazem sacrificios de rezas e mesmo d'individuos, a fim de elles praticarem um milagre ou de aplacarem as suas iras.

Ao enviarem o vento a billar com força, derrubar as arvores e abanar as casas, levantar nuvens de poeira e fazer os tufões, os japonezes crearam a divindade dos ventos, que representam por um monstro a pairar nos espaços com o seu enorme sacco cheio de tempestades, enfundado, prompto a despedir o vendaval sobre o mundo.

E criou-se assim o culto de Fúten, o deus do Vento. Depois vendo o raio fuzilando, vindo do alto em zig-zags de lume, assombrar e a fazer victimas, crearam a divindade do raio a que chamam *Raiden* e que é



SENNIN SANTO DO BUDISMO

tambem o deus dos trovões, ligando assim instinctivamente os dois phenomenos. E *Raiden*, especie de farpia, encoberta n'um cou negro, anda pelos espaços com o seu arco de pandeiros enormes que fazem o ruido e geram a farsa terrivel e por vezes assassina.

Vem tambem o culto de *Marisiten*, que egual a *Marte* do paganismo, como *Raiden* é egual a *Júpiter Tonante*.

Marisiten é o deus da guerra e sobre um animal espantoso, de pé, dispara arcos, envia settas, vae nos ares a lançar a destruição por toda a parte.

E assim os cultos se foram formando para cada acto da existencia, para cada nova descoberta do homem no campo da sua civilização.

O patrono da equitação é um deus de especial culto para essa raça de cavalleiros e de guerreiros, que encheram de braços e d'armas o idolo da cavallaria e ataviaram de joias, pondo-lhe numa ave em cada mão como symbolo da ligeireza.

E assim tem um deus para as tempestades chamado *Tais maki*, um deus para as armas que mostra doze braços, e um supremo juiz dos infernos, especie de *Plutão* vestido de brocado, que julga os que entram nos seus dominios.

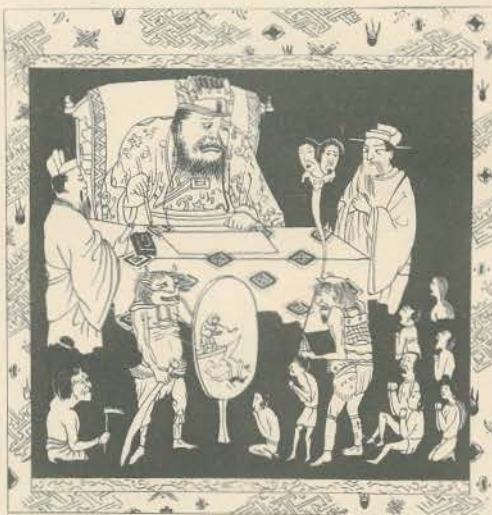
E' carrancudo e fero e tem dois ajudantes e dois carraços, ministra a justiça e exerce-a com todo o rigor sobre aquelles que são expulso dos deus onde habita *Amida*, a gloriosa rainha, que tem guardas tão impetuosos e carrancudos como os dos alyemos insondaveis onde vive o supremo juiz dos infernos.

Somnias são os apostolos de Budha, os grandes martyres da religião, e o *Kirin* é como os lobishomens entre os povos europeus.

As settas são numerosas no Japão, mas sem haver por



UM GUARDA CELESTE



O SUPREMO JUIZ DOS INFERNOS

ellas o grande fervor que tantos males tem causado na Europa. E' um paiz quasi sem guerras religiosas desde 1580 em que *Fidô-Yosi* soffocou um tumulto monastico de certa importancia.

Quarenta annos antes alguns portuguezes foram levados por uma tempestade até ao Japão e ali acolhidos pelo principe de *Bouange*, e qual lhes forneceu os meios se dirigirem a *Goa*. Quando os portuguezes partiram recolheram a bordo um fidalgo japonês chamado *Hansiro*, que commettera um homicidio, e S. Francisco Xavier ao encontrá-lo em *Goa* começou a fazer a sua educação religiosa.

Em 1549 o santo com o seu discipulo foi fundar uma missão em *Kiousiu*. Começaram então as conversões ao christianismo e os altos dignitarios do budismo dirigiram-se ao mikado pedindo uma grande medida para acabar com semelhante propaganda.

O mikado recebeu-os e perguntou-lhes: —Quantas settas ha nos meus estados?!

—Trinta e cinco, meu senhor—volveram ellos.

—Bem...

Ficamos com

trinta e seis.

E mostrou

assim em

1549 um espirito de

tolerancia que os

seus succes-

sores não quizeram ter.

Os vascen-

descentes do *Fidô-Yosi* vi-

ram que os

portuguezes

não espalha-

vam somente a

religião en-

tre as baixas

camadas mas

que traziam

para a sua

causa os

grandes po-

tentados do

imperio e que

lham a exercer

uma domina-

ção. Vem-lhes

uma reflexão

e um terror e

quizeram

desde logo destrui

o partido que tomava um grande in-

cremento na corte do mikado. Puzeram mãos á obra,

levando a cabo a extinção da setta, chegando a applicar-se a pena capital a todos aquelles que seguissem a

religião levada ao imperio japonês pelo sabio jesuita

S. Francisco Xavier.

E assim acabou a

preponderancia portu-

guezas, que ainda assim

teve o seu tempo aureo

n'esse imperio que ho-

je assombra o mundo



MARISITEN, O DEUS DA GUERRA



RAIDEN

Livres de preconceitos religiosos e guardando na sua tradição estes idolos que muito se parecem com os que os europeus tem ainda como symbolos, mostram bem o seu trabalho imaginativo, uma obra de sonho. Parece que *Marisiten* é bom o deus da guerra e que tem protegido as armas japonezas, montando o seu phantastico animal e despedindo as settas dos arcos á frente dos exercitos, abrindo brechas nas forças russas.



O KIRIN



MONSIEUR CHARLES ROUVIER

Celebrou-se em Lisboa a festa do 14 de julho, a grande solemnidade da França, e prestamos por isso homenagem a Mr. Charles Rouvier, que entre nós representa essa nação de progresso e de liberdade.

O illustre diplomata começou a sua carreira em 1880 sendo já condecorado com a Legião de Honra pelos seus feitos no regimento dos *mouilles* de Ardecho por occasião da guerra franco-prussiana. Foi jornalista, dedicando-se as chronicas de politica estrangeira. Dirigiu a secção da imprensa no ministerio dos estrangeiros e sahia d'alli como 1.º secretario da legação franceza no Rio de Janeiro, passando depois a encarregado das negociações. Deixou aquelle lugar para ir representar a França como ministro em Buenos Ayres, indo annos depois com igual cargo para Stockholm. Em 1902 foi nomeado ministro para Lisboa e goza entre nós grandes sympathias pelo seu trato amavel e pela sua vastissima illustração.

Amigo intimo de Delcassé, muito querido de Loubet, Mr. Charles Rouvier é um dos mais illustres diplomatas francezes que honram o seu pais e conta com os respeito e admiração de todos que o conhecem.



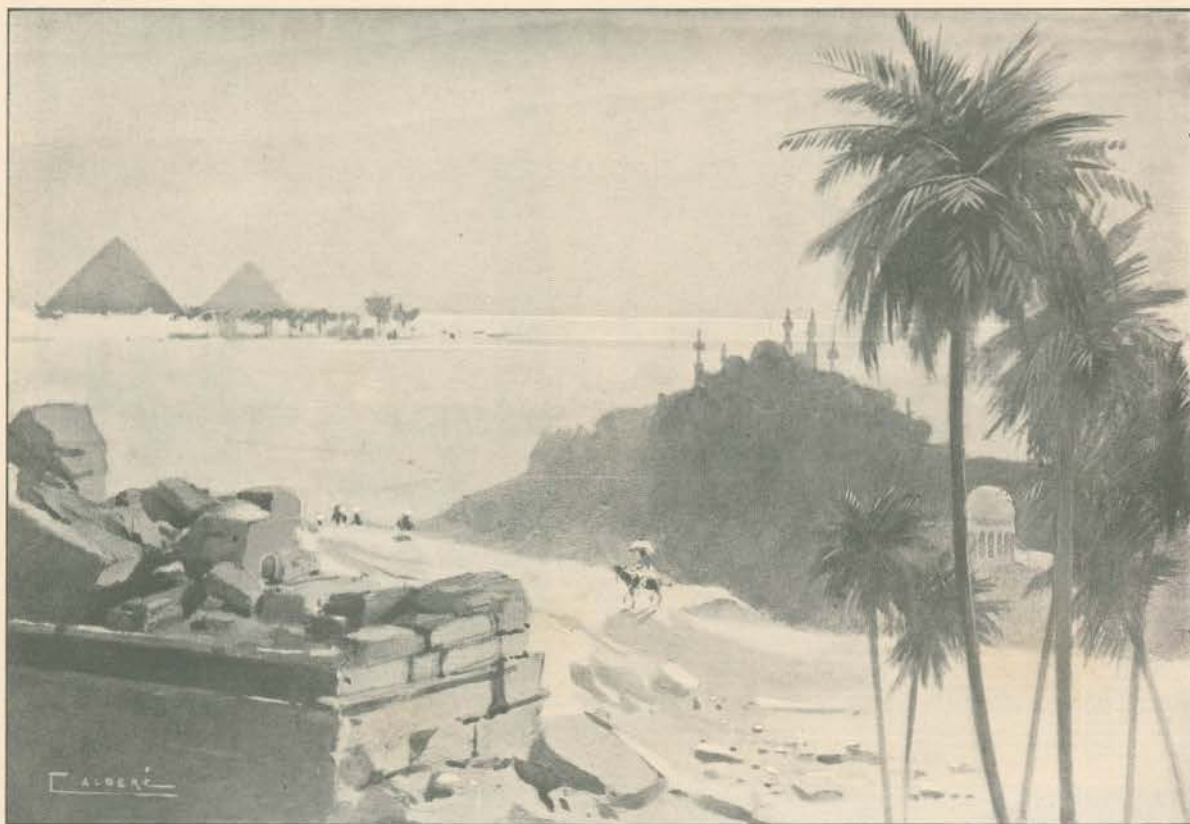
O GABINETE DO SR. MINISTRO DA FRANÇA



AS FESTIVIDADES DO DIA 14 DE JULHO EM LISBOA—A SALA DE RECEPÇÃO NO PALAÇO DA LEGAÇÃO FRANCEZA

O 14 de julho é uma das datas mais celebradas em França, é a festa nacional por excellencia em que o povo se diverte, surrindo as ruas e as praças, festejando assim a tomada da Bastilha, inicio d'um systema de liberdade n'esse grande pais. Paris acorda n'esse dia aos tons das canções que somem de quarto em quarto de hora e o povo canta pelas ruas, dança nas praças e faz-se um coro de dadas mil exultancias em que se untem a Marselhesa e plenos pulmões, como n'uma recordação dos tempos idos em que uma nova aurora raiou para os francezes.

nhões que somem de quarto em quarto de hora e o povo canta pelas ruas, dança nas praças e faz-se um coro de dadas mil exultancias em que se untem a Marselhesa e plenos pulmões, como n'uma recordação dos tempos idos em que uma nova aurora raiou para os francezes.



VISTA DA PYRAMIDE DE CHEOPS

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

XXVII

Burros «Bachereho».—Uma brava corrida. Espécimens de modestia egípcia.—Mayda nos juncos.—Lover onde a Santa Família descausou.—As pyramides vistas ao longe.—Vistas mais de perto.—A assomada.—Vista sobre o sítio da Pyramide.—Exportação! Exportação!—Uma prosa árabe.—No vestre da Pyramide.—Estreito—Pacança infantil. A sa justosa «supruga»—Consejo que o auctor não dirá.—O grande Egypto antigo.

Todos os burros eram bons, bonitos, fortes e em bom estado, ligeiros e com boa vontade de mostrar que o eram. Foram os melhores que tínhamos encontrado. Uns tinham uma suave cor de rato, outros eram brancos, pretos e de varias cores. Alguns tinham o pêlo muito bem cortado, por todo o corpo, excepto na extremidade da cauda, onde lhes haviam deixado como uma especie de borla. Outros tinham o pêlo aparado em ingenuos modelos de dobrados de jardim, que lhes marcavam o corpo de linhas curvas, as quinas de um lado terminavam por cabelo e do outro pela espessa pelúcia deixada pelas tocas. Todos tinham sido tosquinhos havia pouco e eram excessivamente característicos. Muitos dos brancos eram listrados como zebras com as cores pintadas de arco iris, azul, vermelho e amarelo. Dan e João preferiram estes burros, por despertarem reminiscencias Italianas dos «antigos mestres». As selas eram altas, estofadas, de feltro de rã, como as que víramos em Epheso e Smyrna. Os burriqueiros, espertos rapazes egípcios, que podiam acompanhar um burro, e mante-lo a meio galope durante meio dia sem cansarem. Tivemos algum incommodo em nos pôr bem no camião. Ninguém pode guiar um burro, e alguns esbarram nos camellos, derviches, effendis, burros, mendigos, e tudo o mais que offerecia aos animas uma occasião razoavel para haver colisão. Mas, quando desembocámos na larga avenida que condus para fora da cidade, e viae ao antigo Cairo, havia muito espaço. Os requizes de majestosas palmeiras que circundavam os jardins e adornavam a estrada espathavam a sua sombra e tornavam o ar fresco e tonico. Elevámo-nos ao espirito do tempo, e fizemos uma corrida brava, um turbilhão, um panico. Quizera ter vida para a gozar outra vez.

Por essa estrada adeante tivemos algumas manifestações surprehendentes da simplicidade oriental. Uma rapariga, que não parecia contar mais de treze annos de idade, vinha andando vestida como Eva antes da queda. Na America diriamos que ella tinha treze annos, mas aqui as raparigas que parecem ter treze annos muitas vezes não tem mais realmente do que nove. Uma vez ou outra, avistámos homens completamente nus, a tomar banho, sem fazerem nenhuma diligencia para se occultarem ás vistas. Todavia, uma hora d'este alegre costume foi bastante para os peregrinos se habituarem a elle, que por isso deixou de provocar reparos.

Chegados ao antigo Cairo, os moços pegaram nos burros e arrumaram com elles para dentro de um pequeno barco com uma vela latina, e nós fomos atraz d'elles. O barco estava abarrotado de burros e de homens; os dois marujos tinham que saltar por cima e por baixo e atravez d'aquella massa compacta, para fazerem a manobra, e o timoneiro tinha de empurrar para a banda quatro ou cinco burros, quando queria mover a canna de leme, e virá-lo bem. Mas que nos importavam os seus incommodos? Não tínhamos nada que fazer; nada senão gozar a viagem, enxotar os burros para longe dos nossos calos, e contemplar a paisagem encantadora do Nilo.

Na ilha á nossa direita estava a machina que elles chamam o Nilometro, uma columna de pedra, que serve para marcar a elevação do rio, e predizer se elle attingirá só trinta e dois pés e causará fome, ou se inundará convenientemente a terra aos quarenta, e produzirá a abundancia, ou se subirá a quarenta e tres e acarretará a morte e a destruição de rebanhos e mandadas—mas, como elle faz tudo isso, eis o que não nos souberam explicar de modo que nós entendessemos. Na mesma ilha, ainda se mostra o lugar onde a filha de Pharaó achou Moyses entre os juncos. Proximo do sítio d'onde largámos a vela, habitou a Santa Família quando se deteve no Egypto até Herodes concluir a sua mortandade dos innocentes. A propria arvore, sob a qual estiveram logo que alli chegaram, ainda lá estava ha pouco tempo, mas o vice-rei do Egypto mandou-a ultimamente á imperatriz Eugénia. Foi a tempo, senão os nossos peregrinos a levariam.

O Nilo n'este ponto é lodoso, rapido e turvo, e não

lhe falta muito para ser tão largo como o Mississipi.

Trepámos a margem escarpada para a mesquinha povoação de Ghizeh, montámos outra vez nos burros, e partimos. Durante quatro ou cinco milhas a estrada segue um alto terraplano, que dizem ser o leito de um caminho de ferro, que o sultão intenta fazer só para que, quando o vier visitar a imperatriz dos francezes, ella possa ir commodamente ás Pyramides. Tal é a verdadeira hospitalidade oriental. Folgo de que seja privilegio nosso ter burros em vez de carros.

A distancia de algumas milhas, erguem-se as Pyramides por cima das palmeiras, desenhando-se nitidamente muito grandes e imponentes e com suavidade. Agrupam-se n'uma opulenta nevosa, que d'ellas tira todas as suggestões da pedra insensível, e as faz parecer apenas os aereos nadas de um sonho—estruturas que se podiam romper em vagas arcadas, ou columnadas com enteltes, talvez, e mudar ainda para todas as formas graciosas de architectura, enquanto nós olhávamos, e então se desfaziam deliciosamente e se apagavam com tremula atmosphera.

Embarcámos do novo para atravessar um braço do Nilo ou uma cheia, e desembarcámos onde as areias do Grande Sahara deixam o seu assento, tão direito como um muro, ao longo da orla da planície de alluvião do rio. Uma caminhada trabalhosa no sol dardante levamos aos pés da grande Pyramide de Cheops. Já não era uma visão phantastica, sim uma carrancuda montanha de pedra. Cada qual dos seus lados monstruosos era uma escadaria que se elevava, degraui sobre degraui, estreitando á medida que subia, até terminar n'um ponto muito alto no ar. Homens e mulheres insectos—os peregrinos do Quaker City—se arrastavam pelas suas alturas vertiginosas, e de lá um pequeno grupo negro agitava estampilhas—entenda-se lenços.

E' claro que fomos assediados por uma multidão de inusitados egípcios e arabes, que queriam ajustar o puxarem-nos lá para cima—o mesmo succede a todos os *touristes*. Bem entendido, não podies ouvir a vossa propria voz no meio da grita que vos cercava. Os sheiks declaravam que eram as unicas partes contractaes; que todos os contractos deviam ser feitos com elles, que todo o dinheiro lhes devia ser entregue,

e que só elles não lo podiam exigir. E' evidente o estipular que os homens que nos levassam para cima não poderiam uma só vez falar em esportula. Pois tal é a rotina usual. O certo é que fizemos o ajuste e pagámos; fomos entregues nas mãos dos ascensores, subimos as Pyramides, e fomos perseguidos e atormentados para pagar a patente desde a base até ao cume. Também pagámos, porque fomos do proposito espalhados muito longe uns dos outros no vasto lado da Pyramide. Não havia modo nenhum de obter soccorro, ainda que o pedissemos, e os Hercules que nos puxaram tinham uma maneira mansa e aduladora de pedir que lhes dessemos alguma coisa, e de nos doitar alhos ferezes, ameaçando arremessar-nos para o precipício, o que era assaz persuasivo e convincente.

Cada degrau tão alto como uma mesa de jantar; muitos degraus; um arabe segurando cada um dos nossos braços, galgando degrau a degrau, e arrebatando-nos consigo, forçando-nos de cada vez a erguer os pés á altura do peito, e a fazer-lo rapidamente, sustentando-nos n'essa posição até estarmos quasi a perder os sentidos; quem dirá que trepar ás Pyramides não é um pastatempo animado, recreativo, dilacerante, que repuxa os musculos, que desloca os ossos, completamente cruciante e extenuante? Pedi aos arabes que não descompartassem todas as minhas articulações; repeti, instei, até lhes jurei que não desejava desbançar ninguém lá no alto; fiz tudo quanto podia para os convencer de que se lá chegassem, sendo o ultimo de todos, me julgaria o mais feliz dos homens, e lhes seria eternamente grato; pedi-lhes, suppliquei-lhes, questionei com elles que me deixassem parar e descansar um momento — apenas um pequeno momento; e elles só me respondiam com mais alguns pulos temiveis, e um voluntario não alistado atraz de mim abriu um bombardamento de decididos empurrões com a cabeça, que ameaçavam reduzir a pó e nada toda a minha economia politica.

Por duas vezes me deixaram descansar um minuto enquanto me extorquiam uma esportula, e depois con-

tinuavam a sua doida subida da Pyramide. Queriam vencer os outros grupos. Para elles não valia nada que eu, um estrangeiro, fosse sacrificado no altar da sua impla ambición. Mas, no meio da tristeza, rompe a alegria. Até n'essa apertada hora tive uma consolação. Porque eu sabia que, a não ser que esses mahometanos se arrependessem, algum dia os levaria o diabo.

E elles nunca se arrependem — nunca deixam o seu paganismo. Este pensamento aquietou-me, encheu-me de alegria, e eu cabi molle e exausto sobre o cume, mas feliz, muito feliz, e sereno por dentro.

De um lado, se alongava para os confins da terra um immenso mar de areia amarella, grave, silencioso, destituido de vegetação, e sem que o animassem quaesquer formas de creaturas vivas; do outro lado, o Eden do Egypto se estendia abaixo de nós — um largo terreno vicejante, cortado pelo rio sinuoso, salpicado de aldeias, com as suas grandes distancias medidas e assignaladas pela altura decrescente do grupo de palmeiras que se afastavam. Está adormecido o uma atmosfera encantada. Não havia som nem movimento. Por cima das palmas, a distancia media, bojava um montão de cupulas e pináculos, scintillante atravez de uma nevoa colorida e singular; além para o horizonte doze pyramides elegantes miravam a arruinada Memphis; e a nós os pés a intrahavel espyngue contemplava o quadro do seu throno nas areias, tão placida e pensativa como se estivesse olhando para a sua imagem ha bons cincoenta seculos.

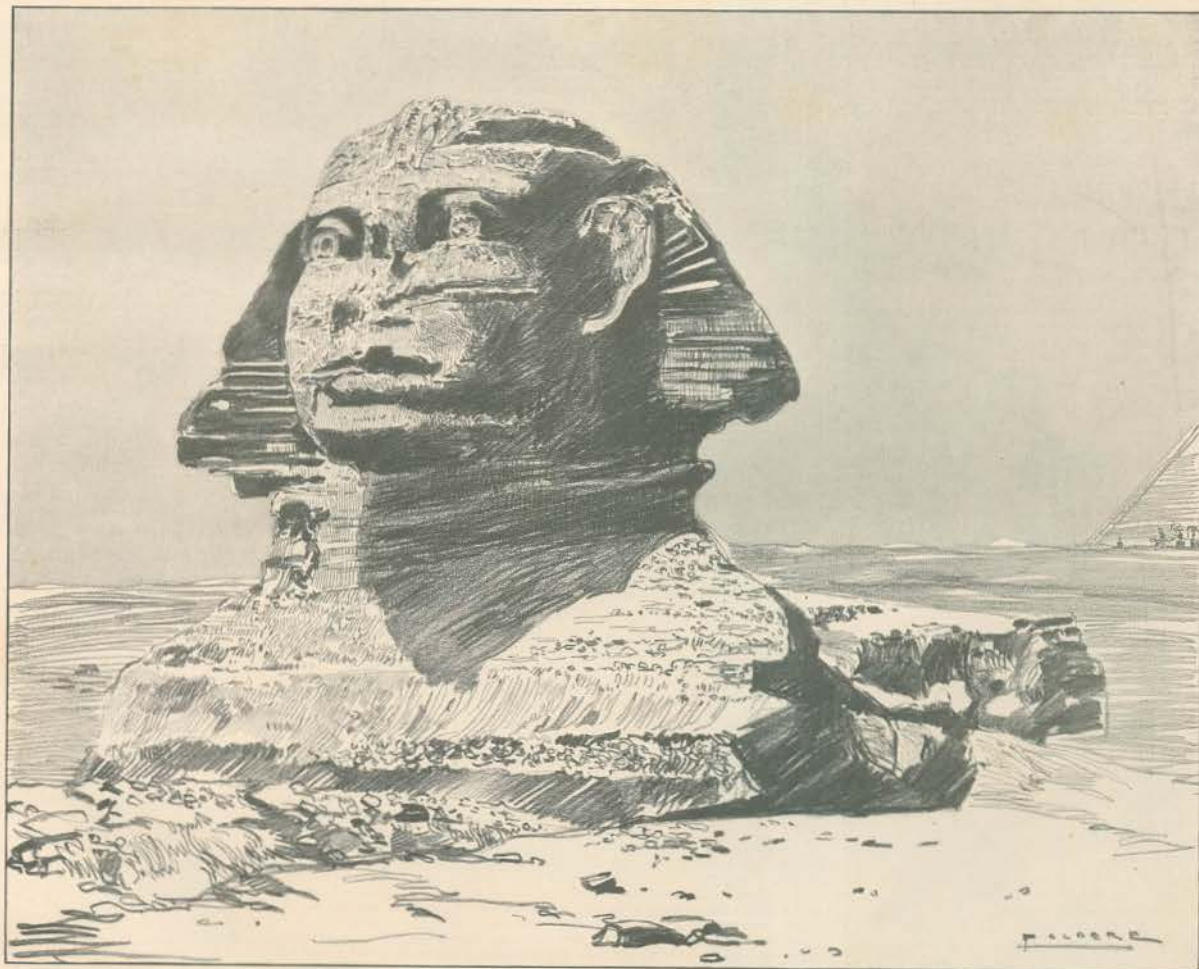
Soffremos tormentos que nenhuma penna pode descrever com as famintas supplicas de esportula que luziam em olhos arabes e sahiam incessantemente de labios arabes. De que servia evocar as tradições da desvanecida grandeza egypcia — imaginar o Egypto acompanhando o defuncto Ramasés ao seu tumulo na Pyramide ou a extensa multidão de Israel partilhado por aquelle deserto além? Para que era pensar absolutamente? Fora impossivel semelhante coisa. A gente de-

vo trazer as suas meditações feitas e acabadas, ou então fazedas e concluidas depois.

O arabe tradicional propoz, da maneira tradicional, descer Cheops a correr, atravessar a oitava parte de uma milha de areia que se interpõe entre ella e a alta pyramide de Cephron, subir ao cume d'esta, e voltar a br comnosco ao cume de Cheops — tudo em nove minutos contados pelo relógio, e recebendo por todo esse serviço um dollar só. No primeiro impeto de irritação, fui contrario a dar ajuda e auxilio a esse infiel. Mas, espera! o terço superior de Cheops estava coberto de marmore trabalhado, liso como vidro. Um pensamento abençoado assaltou-me: o cerebello e o homem quebra o pescoço infallivelmente. Fechámos o contracto sem mais delongas, e deixamo-nos de observação. Foi saltando para baixo no immenso flanco, dando pulo apoz pulo, como uma cabra dos Alpes. Ia-se tornando cada vez mais pequeno, até não parecer mais que um pigmeu oscillante, lá para o fundo — então desapareceu. Voltámo-nos, e olhámos para o outro lado — quarenta segundos — oitenta segundos — cem — que felicidade! o homem já morreu! dois minutos e um quarto. — «Lá vem elle!» Não ha duvida — é elle com toda a certeza. Agora era muito pequeno. Gradualmente, mas com segurança, venceu o terreno plano. Começou a saltar, a saltar outra vez. A cima, acima, acima — chegou por fim á macia cobertura de marmore — agora toca a subir. Mas elle pagou-se a ella com os dedos dos pés e das mãos, como uma mosca. Marinhou para uma banda e outra, ora para a direita, ora para a esquerda, sempre trepando — e lá ficou de pé em cima, como uma estaca negra, agitando a sua faxa microscopical. Arrastou-se em seguida para os degraus de pedra, moveu os calcunhares e partiu. Perdemos-lo logo do vista, e logo tambem o enxergámos abaixo de nós, subindo com a mesma energia.

FOLHETIM N.º 34

(Continúa).





A IGREJA DE SANTA MARIA DOS OLIVEIS EM THOMAR

A igreja está fora da cidade e na margem opposta do Nabão, foi cabeça da ordem dos Templários e desde 1319 da Ordem do Christo. Estão ali sepultados os mestres d'estas duas ordens e uma capella do corpo da igreja. Até aos reinados de D. Manuel e de D. João III cada um dos representantes tinha tumulo especial, mas, para desobstruir a igreja de tantos manuseios, fez-se a transladação para uma só capella.

Perderam-se d'este modo os epitaphios, ficando apenas os de Gualdim Paves e Lourenço Martins, na capella maior, donde se vê a inscripção de D. Gd. Martins, primeiro mestre da Ordem do Christo. A igreja está mais abaixo do que o solo, sendo preciso descer 15 degraus para chegar ao seu pavimento. Se a fachada principal é ainda dos Templários; o resto do templo foi reedificado por el-rei D. Manuel.



O SR. GENERAL ANTONIO MIMOS VIVALDO

O desastre que victimou este illustre official lançou uma verdadeira consternação na familia militar, onde era querido desde os soldados até aos seus superiores. Como commandante de infantaria 2.º o general Vivaldo foi um verdadeiro pai dos seus soldados, que o adoravam. O illustre militar sentara peace em 1863 e fora promovido a alferes em 1867, a tenente em 1872, a capitão em 1878, a major em 1887, a tenente coronel em 1893, a coronel em 1895 e a general de brigada em 18 de fevereiro do corrente anno, sendo nomeado para commandante da 1.ª brigada de infantaria.

Em 12 de julho ultimo o illustre official deliberou dar um passeio a cavallo acompanhado pelo sr. capitão Cabral e pelo seu ajudante sr. tenente Marques. Sahiram da rua da Piedade, onde o sr. general residia, e foram pelas ruas de S. Luiz, Estrela, Calçada da Estrella, Avenida de D. Carlos, tomando depois pelo Aterro em direcção ao Caminho do Ferro, indo até Xabregas e voltando depois pela circumvalação do Alto de S. João, vindo dar à Avenida D. Amélia. Ao chegar ali, o cavallo que o general montava, tomou o freio nos dentes e d'uma galgada lançou-se em direcção à Graça. Perto da igreja official, comprehendendo o perigo que corria ao ver que o animal se dirigia para o jardim da Graça e ia talvez saltar a muralha frente à igreja, atirou-se abaixo da sella com impeto, fracturando o cráneo ao bater nas calhas do elevador. No hospital de S. José fizeram-lhe a operação do trepano, porém foram inúteis todos os socorros. O sr. general Vivaldo falleceu pela 1 hora e 25 da tarde do dia seguinte ao desastre.

CHRONICA ELEGANTE

A vida mundana da cidade va-e-se transplantando a pouco e pouco para as aguas, praias e campos; as frondosas sombras de Cintra, as brisas vivificantes das praias, as attracções das thermas e os encantos das villegiaturas no estrangeiro são o tumulo de muitas neurasthenias, de *surmenages* que o duro labutar e a lucta pela vida possam ter produzido. Santo remedio, cura milagrosa operada pela natureza, mas que, desgraçadamente, nem todos podem gosar.

Nó entanto, a vida do *sport*, de *villes-d'eau*, de casinos é tambem origem de muitas fadigas e desordens physicas, mas lá está o velho rifão que *Quem corre por gosto não cança*.



FIGURA 1



FIGURA 2

Só a variedade de *toilette* implica por si um longo trabalho. Ha os trajes de manhã para tomar o copo de agua, de *sport*, para uma partida de *canotage* ou *tennis*, de equitação, do cyclismo e *automobilismo*, depois a *toilette* d'almoço no hotel, no *château*; o vestuario de passeio, d'*après midi*, do visitas, de recepção, do *interieur* para o chá das 5 horas; finalmente a *toilette* do jantar que para muitas senhoras é a do monte, o as de casino, de *soirée*, baile, theatro, concerto, e ainda nos esquecemos das *garden-parties*, *cafés de charité*, *multitudes* d'artistas, etc., etc. E' provavel que ainda nos escapasse alguma e pensamos no que diriam as elegantes d'outras eras se conseguissem comprehender e não enlouquecer com esta l'nga nomenclatura, que dá bem a idéa da vertiginosa vida moderna.

Na variada lista de *toilettes* elegantes tem sempre preferença as tecidos *leves*, finos e um pouco transparentes. Accentuamos o pouco, porque as *cassas*, as *grenadines* e outras fazendas muito leves não tem tanta aceitação como as *étamines*, as *colliennes*, os *voiles* *Nipon* e ideal que formam com os *dessous* de cor differente as mais sedutoras *toilettes*, de reflexos opallinos, rosas e violaceos como os deliciosos crepusculos de julho.

A uniformidade no tom da *toilette* cedeu o passo á mais delicada harmonia na combinação de cores, muito differentes, mas attenuadas e dispostas da forma mais suggestiva e encantadora.

Os *fours* fazem furor e prestam-se maravilhosamente a deixar transparente os fundos ou *dessous*, que são parte importante do traje moderno. As flores tambem continuam a merecer todos os suffragios e contribuem poderosamente para o effeito vistoso e decorativo das *toilettes*.

FIG. 1—*Toilette* do casino em *voile* de seda branco sobre seda *orange*. Guarnições de *guipure* *bleu* e *volindo* roxo.

FIG. 2—Blusa de *collienne* azul pallido com *points* à *four* sobre fundo cor de rosa. Gravata com borlas azues e cor de rosa.

FIG. 3—*Toilette* d'*après midi* em *étamine* *saumon* com *dessous* em seda *tert saule*. *Points* à *four* e guarnições em *torcel* preto. Chapéu de palha verde com gaze preta e rosas *saumon*.



FIGURA 3